



11. UM PRESIDENTE EM PAUTA: FERNANDO LUGO E A MÍDIA IMPRESSA LATINO-AMERICANA

GT - 01

*Rafael Foletto**

Resumo

Os episódios mais recentes envolvendo o chefe de Estado paraguaio, Fernando Lugo, demonstram um cenário de incertezas e instabilidade, ao menos é essa a imagem retratada pela maior parte dos meios de comunicação hegemônicos da América Latina. Nesse sentido, buscamos observar e problematizar a forma como diferentes mídias impressas têm representado o presidente do Paraguai. Ao longo do presente texto, utilizamos as revistas semanais brasileiras *Carta Capital* e *Época*, e os jornais diários argentinos, *Página 12* e *Clarín*. Assim, pretendemos desenvolver um olhar amplo e integral dos processos comunicacionais de construção do movimento representacional de Lugo, por meio do mapeamento de contribuições teóricas e metodológicas que possibilitem visualizar os reflexos nas culturas, relações sociais e elementos históricos e simbólicos, envolvendo tanto texto/discursos, quanto leituras/recepção.

Palavras-chave: América Latina; Paraguai; Fernando Lugo; mídia impressa; representações

Resumen

Los episodios más recientes involucrando el jefe de Estado paraguayo, Fernando Lugo, demuestran un escenario de incertidumbres e inestabilidad, al menos es esa la imagen retratada por la mayor parte de los medios de comunicación hegemónicos de la América Latina. En ese sentido, buscamos observar y problematizar la forma como diferentes medios impresos han representado el presidente de Paraguay. Al largo del presente texto, utilizamos las revistas semanales brasileñas *Carta Capital* y *Época*, y los periódicos diarios argentinos, *Página 12* y *Clarín*. Así, pretendemos desarrollar un mirar amplio y integral de los procesos comunicacionales de construcción del movimiento representacional de Lugo, por medio del levantamiento de contribuciones teóricas y metodológicas que possibilitem visualizar los reflejos en las culturas, relaciones sociales y elementos históricos y simbólicos, envolviendo tanto texto/discursos, cuánto lecturas/recepción.

Palabras-clave: América Latina; Paraguay; Fernando Lugo; medios de comunicación impresos; representaciones

* Graduado em Ciências Sociais e em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS). E-mail: rafoletto@gmail.com



América Latina, Globalização e Cultura

Introdução

Surgindo como novidade no cenário político latino-americano, Fernando Lugo foi ganhando notoriedade na instância midiática brasileira. O fato se deve não apenas a sua singular trajetória, ligada à igreja católica e a movimentos sociais populares, mas também ao conteúdo de suas principais propostas, algumas com conseqüências diretas para as relações bilaterais com Brasil. Os episódios mais recentes envolvendo o chefe de Estado paraguaio demonstram um cenário de incertezas e instabilidade, ao menos é essa a representação da maior parte dos meios de comunicação brasileiros e latino-americanos.

Lugo não goza de boa imagem na mídia hegemônica nacional que, em geral, alia a sua figura a fatos negativos e a lideranças políticas latino-americanas concebidas como anacrônicas e populistas, a exemplo dos presidentes Evo Morales e Hugo Chávez, respectivamente da Bolívia e da Venezuela. Ainda, há o tema da concentração de migrantes brasileiros no Paraguai, o qual explicita um quadro marcado pela permeabilidade da mídia brasileira no território paraguaio, levando os seus conteúdos, a sua visão dos fatos para uma audiência híbrida¹.

Depois de 62 anos de comando do Partido Colorado, no dia 20 de abril de 2008, o Paraguai assiste a uma verda-

deira alternância de poder e se enche de esperança, por meio da chegada do bispo Fernando Lugo as mais altas funções do Estado. Em uma coligação sustentada pela Aliança Patriótica para a Mudança (APM), que congrega dez partidos políticos e vinte movimentos sociais articulados sob o Movimento Popular *Tekojoja*, configurando-se como um caso inédito na turbulenta história política do Paraguai.

Passados quase dois anos de sua vitória no pleito eleitoral paraguaio, o bispo que virou presidente se vê imerso em uma conjuntura marcada por dúvidas, desconfianças e isolamento. As notícias mais recentes vindas do país vizinho não apenas demonstram tal quadro, mas também dão conta da insatisfação dos partidos tradicionais do Paraguai, com o caráter popular e arrojado das ações de Lugo, levando a oposição a pronunciar abertamente o seu desejo de dar cabo ao governo do sacerdote, seguindo caminhos semelhantes ao de Honduras. E a mídia brasileira, como se comporta diante desses acontecimentos, como os retrata e os contextualiza? Busca contextualizá-los de fato, mantendo uma postura crítica, para além da objetivação, apresentando e conduzindo os acontecimentos de maneira ampla, integral e responsável?

Mais do que isso, construindo um modo de observar os fatos do presente, de forma a se distanciar de visões precon-



América Latina, Globalização e Cultura

cebidas e superficiais, trazendo as cosmovisões dos que estão à margem e raramente são ouvidos? Enfim, trata-se de construir abordagens que contemplem realidades complexas, a exemplo do atual contexto de mudanças circunstanciais que vem ocorrendo em solo paraguaio.

Ainda, pensamos que a problematização, reflexão e articulação desses questionamentos, mostram-se como importantes no processo de construção da pesquisa, de modo a possibilitar uma melhor compreensão dos detalhes, contextos e elementos que fazem parte da realidade investigada. Fugindo, dessa maneira, das chamadas “receitas de bolo” e em contrapartida, oferecendo um olhar transversal para tratar o objeto, as perguntas de pesquisa, os objetivos da investigação, enfim, para permitir o avanço na construção do conhecimento enquanto prática social.

Como Lugo tem sido apresentado pelas mídias?

No que tange aos antecedentes que levaram Lugo ao poder, visualizamos um importante componente da realidade observada – o Movimento Tekojoja, que significa “viver em igualdade”, no idioma Guaraní, falado por grande parte da população paraguaia. Para além da coalizão de diversos partidos, esse movimento, exerce significativa influência nos rumos do governo paraguaio. Pertence a ele a formulação das diretrizes que fazem

parte do programa de governo de Lugo e a orientação dos movimentos populares que compõem a base de apoio, como o camponês.

Assim, conseguimos dimensionar algumas das ações políticas empreendidas pelo governo Lugo, num cenário marcado pela heterogeneidade e a desconfiança, devido à composição das diferentes forças e partidos que fazem parte da APM, fazendo com que o governo paraguaio necessite do apoio popular para implementar as suas ações. Além disso, o presidente não possui a maioria no congresso e não dispõe de uma boa relação com o vice.

No enfoque dado pelas mídias brasileiras na construção dos acontecimentos relacionados ao presidente do Paraguai, observamos, por intermédio do diálogo com Gomes (2009)², a recorrência de duas abordagens distintas – o *hiperprotagonismo* e o *desmascaramento*. Desse modo, as notícias enfocam ora a figura do presidente, ora o que estaria por trás das ações do chefe de Estado, seguindo respectivamente esses dois parâmetros.

Quando o foco está na figura de Lugo, há constantemente um movimento que ressalta a sua origem religiosa e outro de atrelá-lo a líderes populistas como Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Correa. Na perspectiva do desmascaramen-



América Latina, Globalização e Cultura

to, ocorre uma abordagem centrada nos supostos interesses que levariam Lugo a tomar certas decisões e empreender determinadas ações que, na construção das mídias brasileiras, quase sempre ferem os interesses nacionais do Brasil.

Trata-se, de um olhar da dinâmica da política, nas sociedades contemporâneas, que está ligado à questão de garantir e possuir visibilidade em tempos de comunicação de massa e, por conseguinte, ter a propriedade de influenciar na formação de agendas públicas. Nesse sistema-mundo de disputa pela esfera pública, o indivíduo ganha maior importância que a comunidade e exerce o papel de consumidor de decisões políticas, diga-se de passagem, de decidir os seus representantes e líderes no mercado eleitoral e posteriormente acompanhar as agendas e decisões emanadas por eles. Essa visão apresentada por Gomes, em suas diversas pesquisas, contribui tanto para o entendimento da teoria democrática, quanto do papel da mídia na formação das agendas públicas.

A primeira possibilita a compreensão da democracia enquanto um sistema de produção de decisão política, oferecendo uma interessante perspectiva para observar o caso do Paraguai de Fernando Lugo, sobretudo no que tange os antecedentes que o levaram ao poder e ao contexto de suas propostas e deliberações de governo, enfim, a cultura política do país.

A segunda proporciona o entendimento das discussões que são levadas a esfera pública, por intermédio das agendas levantadas pela espera midiática, pois nas democracias contemporâneas, é cada vez mais necessário chegar na esfera pública para atuar nas decisões políticas.

Da mesma forma, a comunicação de massa também possui significativa importância na questão da visibilidade pública, ao oferecer o acesso para a discussão de agendas políticas. Assim, a espera midiática se torna um espaço de disputa de visibilidade de agendas, de propostas de deliberação, de ofertas de razões e de cobranças e prestações de contas. Outra instância importante do campo da política que perpassa pela mídia, dentro dessa ótica, é a da imagem pública, que é disponibilizada através do o impacto e da duração. Concorrendo assim, os membros do campo político para apresentar na esfera midiática, alto impacto e significativa duração da veiculação da sua imagem, para que possam oferecer a suas agendas políticas ao mercado eleitoral.

Assim, para Gomes (1999, p. 217)³, a questão visibilidade, perpassa por diferentes aspectos, entre eles “exibição, exposição, mostra, pelo que Habermas chamou de representação, ou seja, apresentação das posições para a obtenção do favor geral”. Nesse sentido, observamos que além de representar Fernando Lugo, como um vizinho encenqueiro, por suas



América Latina, Globalização e Cultura

propostas políticas, significativa parcela da mídia brasileira, em meados do ano de 2009, apresentou outro viés para produzir a imagem do presidente paraguaio, através de outro tema que entrou na pauta das revistas, os supostos filhos de Lugo.

Nesse caso, não apenas se explicitou estereótipos e preconceitos que povoam o imaginário brasileiro em relação ao Paraguai, como a falsificação, conforme visto anteriormente, como também ancorou em uma das mais recorrentes formas de cobertura de assuntos políticos, o escândalo.

Diante desse quadro, visualiza-se uma abordagem rasa, desconexa dos aspectos sociais, culturais e políticos que permeiam o presente do Paraguai. Sobretudo, construída com a finalidade de promover uma crítica à política externa do governo brasileiro que, na ótica dos meios de comunicação, seria frouxa e subserviente aos países vizinhos, desde o episódio da nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos. Nesse sentido, o governo brasileiro, segundo a mídia nacional, estaria distanciando o país da condição de nação líder da América Latina e deixando esse papel nas mãos de Hugo Chávez.

Assim, Lugo caminha a contrapelo do modelo neoliberal de reforma do Estado e promove ações “populistas”

e “anacrônicas”, como a defesa de uma reforma agrária e o embate pela renegociação do Tratado de Itaipu com o Brasil, vizinho e parceiro de longa data. Segundo Thuswohl (2009)⁴, algumas medidas empreendidas pelo novo governo paraguaio para, por exemplo, combater o contrabando e a sonegação de impostos, atingiram em cheio os interesses de setores do legislativo e do judiciário, além de, por incrível que pareça, sofrerem oposição de setores da mídia do Paraguai.

Diante disso, o jornalista observa que o governo brasileiro deve tratar o Paraguai como um parceiro/sócio e não como um pátio dos fundos, postura recorrente até hoje e defendida por significativa parcela da grande mídia do país e pelos partidos tradicionais.

Em geral, Lugo faz um governo dicotômico, levando internamente a avanços nas políticas sociais e no combate à corrupção e, externamente, a conquistas históricas como o acordo com o Brasil e a mediação da contenda entre Colômbia, Equador e Venezuela. No entanto, para alguns movimentos populares, há mais dúvidas que certezas quanto ao governo Lugo.

Justamente essas dúvidas e incertezas compõem o mosaico pelo qual a mídia brasileira prefere apresentar o presidente do Paraguai, caracterizando-o como um governante populista, nacio-



América Latina, Globalização e Cultura

nalista, intempestivo, problemático. Ou ainda pior, explicitando estereótipos e preconceitos que povoam o imaginário brasileiro em relação ao Paraguai, como a falsificação. Acarretando na substituição das questões ideológicas e históricas do debate político pela encenação, bem como do conteúdo pela forma. Enfim, distanciando-se de uma abordagem contextualizada e ampla da complexidade do atual contexto do Paraguai.

Que Paraguai é esse retratado pelas mídias latino-americanas?

Segundo a abordagem das mídias brasileiras, o presente, no escopo latino-americano, apresenta-se permeado pelas sombras do passado. Por um lado, as sombras do populismo, por outro, as do autoritarismo. E, como pano de fundo, o imperialismo. Tal panorama é visível nos acontecimentos ocorridos recentemente em Honduras – deposição do presidente eleito, legitimação de um golpe de Estado, que pode se espalhar por outros países da região.

Observa-se em curso uma articulação dos partidos tradicionais na América Latina para recuperar o terreno perdido nos últimos anos pela vitória de governos de cunho popular. O primeiro movimento ocorreu em Honduras. O Paraguai pode ser o próximo alvo, contando ainda com a possibilidade de uma vitória eleitoral da direita chilena.

No Paraguai, os recentes acontecimentos apresentam as possibilidades de um golpe de Estado, como estratégia de combate a um governo com características populares, que propõem reformulações profundas no Estado, a exemplo da realização de uma reforma agrária integral. Inclusive com episódios como ameaças de bomba, com uma realmente tendo explodido no Palácio de Justiça, sem ferir ninguém.

Da mesma forma, as falas de políticos da oposição no Paraguai têm sido constantes, acenando para a possibilidade de um processo golpista semelhante ao que ocorreu em Honduras. Em entrevista concedida a uma rádio argentina⁵, o senador liberal Alfredo Luís Jaeggli defendeu os golpistas hondurenos e disse que Lugo estaria “atrapalhando as reformas modernizantes” no país. Na ótica crítica do cientista político argentino, Baron⁶, o presente da América Latina, demonstra-se marcado pela “volta dos Estados Unidos à sua tradicional política de apoio aos golpes militares e aos regimes autoritários afins com os interesses imperiais”.

É nesse cenário de crise política da América Latina, das novas democracias latino-americanas (PORTO, 2009)⁷, de governos populistas, de democracias restritas, que o contexto atual do Paraguai e de seu presidente são retratados pela mídia brasileira. Um cenário



América Latina, Globalização e Cultura

sombrio para a região, permeado de incertezas e desafios. Seria esse mesmo o presente do Paraguai? Mesmo depois da quebra da hegemonia do poder do Partido Colorado e do surgimento no cenário político de um novo ator, sustentado por uma coalização de movimentos sociais e partidos políticos de centro-esquerda e centro-direita?

Observando a história da América Latina, Ianni (1988, p. 34)⁸, atenta para o fato de que quase todos os países dessa região, “contam com várias, ou muitas, constituições em sua história. Tiveram que começar de novo, recomeçar muita coisa, ou tudo. Os golpes, os surtos de autoritarismo, as ditaduras perpétuas povoam a história”.

Mais do que isso, representa também uma história recorrente no continente sul-americano, sobretudo, devido ao processo de redemocratização ocorrido nos anos 80, trazendo a polarização do cenário político em diversos partidos, que passaram a disputar o poder e reivindicar os seus desejos e necessidades, tendência a qual Schumpeter (1961, p. 425)⁹, conceituou como a “livre competição entre os candidatos à direção pelos votos do povo”, que dessa forma tem a possibilidade “de aceitar ou rejeitar os homens que deverão dominá-lo”.

Na verdade, apenas a ponta do iceberg da complexa realidade social do

Paraguai tem sido apresentada pelas mídias hegemônicas brasileiras. A exemplo de matérias da revista *Época* e do jornal *Folha de São Paulo*, que se reservaram a noticiar apenas a troca de comando nas forças armadas do país vizinho, promovida por Fernando Lugo. Sem, contudo, refletir sobre a conjuntura que levou o presidente paraguaio a tomar essa decisão. Diferente de jornais argentinos, como o *Página 12* e o *Clarín*, que buscaram demonstrar o clima de instabilidade que ronda o Paraguai.

Percebemos que faltam algumas peças no mosaico do presente paraguaio trazido pela mídia brasileira. Peças que não obstante, oferecem elementos interessantes para pensar as lógicas e os contextos desse presente, visualizando-o de forma ampla, problematizando e atentando para fatores históricos e simbólicos. Ainda, essa maneira de abordar o presente do espaço latino-americano, de forma distante e pouco reflexiva, tem sido construída constantemente pela mídia brasileira e pouco contribui para a compreensão de temas relevantes, como a integração nacional e as ações afirmativas nesse sentido, como é o caso do Mercosul.

A crítica, observada enquanto um movimento de deslocamento, para além de uma visão maniqueísta entre certo e errado ou entre positivo e negativo, compreende as condições do processo de



América Latina, Globalização e Cultura

construção dos acontecimentos, ou seja, dos contextos que o envolvem. Nesse sentido, a crítica das práticas jornalísticas surge como uma atividade de observação e análise do jornalismo enquanto campo de construção dos acontecimentos, que busca “mostrar o que é objetivado, como os acontecimentos são objetivados e como aparecem e o que permanece subjacente à materialidade discursiva” (MAROCCO, 2008, p. 88)¹⁰.

Foucault ensina que todo saber envolve poder e a noção de “acontecimentalização”, trazida por ele, constitui-se no espaço pelo qual o poder circula nos discursos. No âmbito do discursivo se pode observar o acontecimento em sua materialidade, relacionando-o com os seus aspectos históricos, simbólicos, políticos, enfim, com as relações de poder que o perpassam. Uma crítica, nestes termos, permite tomar o acontecimento, enquanto processo amplo e diversificado, atentando para as suas relações com a história e memória, por exemplo. Trata-se de uma “ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apóiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Tal é a primeira função teórico-política do que chamaria ‘acontecimentalização’” (FOUCAULT, 1999, p. 339)¹¹.

Dent (2008)¹², no rastro de Foucault, aponta para uma abordagem do jornalismo como um saber para entendê-lo enquanto prática. Assim, os

acontecimentos são apresentados pelos jornalistas seguindo formas específicas (notícias e reportagens, por exemplo) e, principalmente, através de um conjunto de práticas discursivas, que segundo o autor, são internalizadas pelos jornalistas e foram construídas historicamente, constituindo-se como uma forma de controle da produção dos discursos, das rotinas, das práticas.

Para Gomis (1991)¹³, a atividade jornalística tem como mote oferecer a audiência uma versão concentrada da realidade, não raro, construída de forma dramatizada, para que o público se conecte com essa realidade e, de algum modo, se envolva com ela. Assim, percebemos que a abordagem dos acontecimentos pelo viés do espetáculo, surge como uma estratégia potencializadora das mídias, no sentido de prender a atenção do público, mais do que isso, como uma forma de construção de realidade permeada de sentidos, que geram opiniões sobre um determinado tema, construindo representações, não raro, distantes da realidade espetacularizada, sem levar em consideração elementos simbólicos, históricos e culturais que permeiam o acontecimento retratado.

O presente surge assim como espaço privilegiado para a crítica, pois se constitui de um somatório de estratégias de poder e saber, de regimes de verdade que se expressam por meio da codifica-



América Latina, Globalização e Cultura

ção do social, das relações de poder, de aparelhos institucionais. Dessa forma, o analista, na condição de crítico das práticas jornalísticas, deveria atentar para as questões da atualidade, ou seja, para o momento histórico que vivencia, enfim, uma análise crítica dos fatos do presente na ordem dos acontecimentos históricos.

Diversos autores¹⁴ buscam pensar sobre modos de produção jornalística, mais especificamente, procuram refletir sobre as formas como o jornalismo constrói as notícias, aborda os fatos, apresenta a realidade. Assim, a crítica das práticas jornalísticas está ligada a uma concepção clara sobre essas mesmas práticas, que dizem respeito a um modo particular de construir a realidade social. Nesse sentido, esse conjunto de autores demonstra a necessidade de atentar para o modo pelo qual os meios de comunicação decidem o que vão dizer e por quê, uma vez que o principal papel do jornalismo é formar e reformar diariamente o presente social, que servirá de referência para a interpretação e para os comentários do público.

Assim, uma crítica permite tomar o acontecimento, enquanto processo amplo e diversificado, atentando para as suas relações com a história e memória, por exemplo. Em outras palavras, uma concepção crítica das práticas jornalísticas permite, a grosso modo, busca entender porque uma notícia é publicada e comentada no lugar de outra, que

consequentemente é excluída. Enfim, de que maneira o jornalismo constrói e relata aquilo que o público carece de pensar, apreender, acompanhar.

Da mesma forma, a problematização desses autores, evidencia a necessidade de uma observação crítica do jornalismo, ancorada em teorias que permitam uma visão global e ampla das ações e estratégias do jornalismo na apresentação e construção da realidade social.

Considerações

O surgimento do presidente do Paraguai, como uma nova figura midiática, aciona estratégias comunicacionais de produção simbólica das mídias observadas, atrelando-o a elementos sociais, culturais, históricos e simbólicos do contexto latino-americano, bem como as configurações particulares de cada um desses meios de comunicação.

Pretendemos desenvolver um olhar amplo das significações derivadas da imagem de Lugo, produzida por leitores brasileiros e paraguaios das mídias da América Latina. Assim, buscamos mapear contribuições teóricas e metodológicas que permitam visualizar os reflexos das culturas, relações sociais e elementos históricos e simbólicos nesse processo de construção de significados. Possibilitando compreender os diferentes elementos e referências que compõem e nutrem as



América Latina, Globalização e Cultura

leituras provenientes dos produtos midiáticos.



Referências bibliográficas

BARON. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27584 Acesso em 5 de jan. 2010.

DENT, Chris. *Journalists are the Confessors of the Public says one Foucaultian*. Journalism, 9, pp. 200-219.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

GOMES, Wilson. *Esfera pública política e media II* in: RUBIM, A. A. C.; BENTZ, I. M. G.; PINTO, M. J. (orgs.). *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo: Unisinos, Compós, 1999.

_____. *Aula*: Brasil, 2009.

GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. Barcelona: Paídos, 1991.

IANNI, Octavio. *A formação do estado populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.

MAROCCO, Beatriz. *O jornalista, as práticas discursivas e uma nova figura: o produtor* in: ALCEU. v. 9, n° 17, jul./dez. 2008, pp. 81-89.

PORTO, Mauro. *Media transformation and political accountability in new democracies*. Manuscrito.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

THUSWOHL, Maurício. *Os paraguaios (e seus filhos) merecem respeito*. Agência Carta Maior. São Paulo, 6 de jun. de 2009. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4321. Acesso em 15 jan. 2010.

Notas

¹ A dimensão dessa inserção pode ser visualizada em um dos episódios do especial “A Conquista do Oeste”, da RBSTV, que narra a vida, as histórias, o dia-a-dia de agricultores gaúchos no Paraguai.. O produto, conforme Urbim (2006) obteve recorde de vendas com mais de 11 mil unidades comercializadas (LISBÔA FILHO, 2009).

² GOMES, Wilson. *Aula*: Brasil, 2009.

³ GOMES, Wilson. *Esfera pública política e media II*. In: Rubim, A.A.C., Bentz, I.M.G. & Pinto, M.J. (Eds), *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo: Unisinos, Compós, 1999.

⁴ Thuswohl, Maurício. *Os paraguaios (e seus filhos) merecem respeito*. Agência Carta Maior. São Paulo, 6 de jun. de 2009. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4321. Acesso em 15 jan. 2010.

⁵ Disponível em: <http://>



América Latina, Globalização e Cultura

www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16300 Acesso em 5 de jan. 2010

⁶ Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27584 Acesso em 5 de jan. 2010.

⁷ PORTO, Mauro. *Media transformation and political accountability in new democracies*. Manuscrito.

⁸ IANNI, Octavio. *A formação do estado populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.

⁹ SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

¹⁰ MAROCCO, Beatriz. O jornalista, as práticas discursivas e uma nova figura: o produtor. In: ALCEU - v.9 - n.17 - p. 81 a 89 - jul./dez. 2008.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

¹² DENT, Chris. "Journalists are the Confessors of the Public says one Foucaultian". *Journalism*, 9, p. 200-219.

¹³ GOMIS, Lorenzo. *Teoría del periodismo*. Cómo se forma el presente. Barcelona: Paídos, 1991.

¹⁴ Como exemplo desses autores, podemos citar: Fontcuberta (2006), Gomis (1991), Marcondes Filho (2002), Prado (2002) e Ramonet (2001).